

PARA A CRÍTICA DA GEOGRAFIA PÓS-MODERNA (UMA NOTA)

SILVA, Marcos Aurélio da¹

Recebido (Received): 2018-12-28 Aceito (Accepted): 2019-05-28

DOI:

Como citar este artigo: SILVA, M. A. da. Para a crítica da Geografia pós-moderna (uma nota). **Formação Online**, v. 26, n. 48, p. 230-239, 2019.

Resumo

Parte de um projeto de pesquisa que começa a dar os seus primeiros passos, esta nota tem por objetivo apresentar as bases filosóficas do chamado campo pós-moderno hoje em expansão nas ciências sociais e em particular na Geografia. A partir desta apresentação, busca-se estabelecer um balizamento crítico fundado em autores do campo do materialismo histórico, aqui interpretado como um herdeiro direto da filosofia clássica alemã. Já bastante influente no seio da ciência geográfica, o autor representante do campo pós-moderno que aqui se elegeu para análise é o filósofo francês Michel Foucault.

Palavras-chave: Geografia. Michel Foucault. Pós-moderno. Materialismo histórico.

TO THE CRITICS OF POSTMODERN GEOGRAPHY (A NOTE)

Abstract

Part of the research project is beginning to bear fruit. The purpose of this note is to present the philosophical basis of the so-called postmodern field, today, through the expansion of social sciences and in Geography, in particular. Following this presentation, we seek to establish a critical beacon founded on the authors in the fields of historical materialism, here as in the direct heir of German Classical Philosophy. Already quite influent within the geographical science, representing the Postmodern field chosen for analysis is the French philosopher Michel Foucault.

Keywords: Geography. Michel Foucault. Postmodern. Historical materialism.

POUR LA CRITIQUE DE LA GÉOGRAPHIE POSTMODERNE (UNE NOTE)

Résumé

Faisant partie d'un projet de recherche qui commence à faire ses premiers pas, cette note a pour objectif de présenter les fondements philosophiques du domaine dit postmoderne, en pleine expansion dans les sciences sociales et en particulier dans la géographie. À partir de cette présentation, nous cherchons à établir un phare critique fondé sur des auteurs du domaine du matérialisme historique, interprété ici comme un héritier direct de la philosophie classique allemande. Déjà très influent dans la science géographique, l'auteur représentant le domaine postmoderne choisi ici pour l'analyse est le philosophe français Michel Foucault.

Mots-clés: Géographie. Michel Foucault. Postmoderne. Matérialisme historique.

Na verdade não basta dizer com Robert Lynd que este é um tempo crítico para as ciências sociais, não é um tempo para cortêsias.
(Milton Santos, Por uma Geografia Nova)

¹ Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Geografia humana pela FFLCH-USP com estágio de Pós-doutorado em Filosofia política na Università degli Studi di Urbino 'Carlo Bo' (Itália). E-mail: maurelio@cfh.ufsc.br.

Um trabalho crucial e que está à espera de um maior desenvolvimento na área da epistemologia da Geografia brasileira é o da crítica dos estudos apoiados na perspectiva pós-moderna. Uma crítica certamente de corte dialético, o que significa dizer que ela não deve se entregar a qualquer pretensão liquidacionista, mas antes estabelecer uma rigorosa *Aufhebung*, esta categoria central da filosofia hegeliana que atenta para uma negação determinada, vale dizer, uma negação que é “ao mesmo tempo um herdar os pontos mais altos do ordenamento político-social negado e derrubado” (LOSURDO, 2017, p. 28). De qualquer modo, trata-se de um verdadeiro trabalho de crítica, que em certo sentido está já muito atrasado.

É verdade que este não é um exercício inédito no seio da ciência geográfica, a ver o conhecidíssimo livro de David Harvey (1989) sobre o tema, entre outros mais. Não obstante, e como prova de que a crítica da qual aqui se está tratando é por demais urgente, mesmo este trabalho nem sempre conheceu uma leitura adequada entre nós, sendo na maioria das vezes interpretado como uma simples entronização do pós-moderno, e isto tanto pelos críticos como pelos entusiastas da perspectiva em foco.

Entre os pensadores que mais contribuíram para o desenvolvimento da perspectiva pós-moderna está sem dúvida Michel Foucault. Nas palavras de Harvey estamos diante de “uma fonte fecunda de argumentação pós-moderna”, cujas pesquisas estiveram especialmente centradas em torno dos “grupos marginais”, mas que serviu também de inspiração aos “novos movimentos sociais (mulheres, gays, negros, ecologistas, autonomistas regionais etc.)” que marcam esta mudança cultural (HARVEY, 1989, p. 50-52). E é este o autor que tomaremos por objeto neste pequeno texto, que tem por objetivo sintetizar brevemente algo da crítica que, fundada no materialismo histórico, tem sido elaborada em centros acadêmicos de língua estrangeira. Trata-se, com efeito, de uma literatura em sua maior parte sem tradução entre nós, ou de tradução recentíssima, como são os casos de Losurdo (2017) e Alessandroni (2016)².

Um trabalho particularmente instigante de crítica a Foucault foi aquele desenvolvido pelo filósofo alemão Jan Rehmann (2009), que conheceu publicação em língua italiana a partir de tradução realizada por Stefano Azzarà, sob o título *I nietzscheniani di sinistra. Deleuze, Foucault e il postmodernismo: una decostruzione* (Os nietzscheanos de esquerda. Deleuze, Foucault e o pós-modernismo: uma desconstrução). Uma passagem bastante central deste trabalho é aquela em que o autor se dedica a analisar a obra a Ordem do Discurso, resultado da aula inaugural pronunciada por Foucault em 2 de dezembro de 1970 no *Collège de France*

² Embora já exista tradução para o português deste livro de Losurdo, aqui estamos usando a edição italiana da obra. Já o artigo de Alessandroni foi publicado em português a partir de tradução nossa. Iremos nos referir aqui à edição italiana, mas oferecemos nas referências também a tradução portuguesa (ALESSANDRONI, 2018).

(FOUCAULT, 2014a). Como recorda Rehmann, para o filósofo francês, antes da dicotomia platônica do verdadeiro e do falso havia uma situação em que o "discurso da verdade" coincidia imediatamente com o "poder/domínio". No século V, a expulsão do sofista e o deslocamento do "ato ritualizado, eficaz e justo" da "enunciação" em direção ao "enunciado" – o "silogismo" socrático, que tanto incomodava Nietzsche, diríamos com Losurdo (2016, p. 81) – conduz à idealização platônica da vontade da verdade, e assim "o poder do discurso é represado e subjugado; ou seja, "a vontade (platônica) da verdade" não seria outra coisa senão um sistema de exclusão do poder do discurso (ao lado da "censura" e da "marginalização da loucura") (REHMANN, 2009, p. 127).

Para Foucault, insiste Rehmann, trata-se de propor uma estratégia alternativa, que consiste em pôr em discussão a nossa vontade de verdade, restituindo-a ao seu caráter de evento.

Uma ideia de como este modo de pensar começou a penetrar no campo das pesquisas em Geografia pode ser obtido por uma leitura atenta da entrevista que Michel Foucault concedeu à revista *Hérodote* no ano de 1976 – aliás seu primeiro número –, periódico dirigido pelo geógrafo Yves Lacoste que depois se notabilizou pela publicação de estudos no campo da geografia e da geopolítica. A entrevista foi depois reunida na obra *Microfísica do Poder*, sob o título de "Sobre a Geografia" (FOUCAULT, 2014b).

Uma das perguntas feitas pela *Hérodote* nos parece estabelecer bem a conexão com a crítica de Rehmann que acima iniciamos a apresentar. Pouco antes de alcançar a metade da entrevista, a revista lança a seguinte questão a Foucault (2014b, p. 249):

É possível e mesmo desejável conceber e construir uma metodologia da descontinuidade a respeito do espaço e das escalas espaciais. Você privilegia de fato o fator tempo, com o risco de delimitações ou espacializações nebulosas, nômades. Espacializações incertas que contrastam com o cuidado em recortar etapas, períodos, idades.

A resposta de Foucault centra-se nos problemas relativos ao "suporte material" de que dispunha, insistindo que o caráter "um pouco nomadizante" dizia respeito ao fato de que a documentação pesquisada "ultrapassa um pouco as fronteiras da França...". Há, todavia, algo mais na resposta, e que infelizmente Foucault não desenvolve muito, embora pareça ser já bastante suficiente o que é dito. Ao lado do "suporte material" coloca-se "também" "um problema de método" (FOUCAULT, 2014b, p. 249).

Como explicitar melhor este "problema de método"? Julgamos que esta é uma resposta que aparece mais claramente páginas à frente, quando Foucault explicita o que entende por "fator tempo" e qual a relação deste "fator tempo" com a espacialidade:

A utilização de termos espaciais tem um quê de anti-história para todos que confundem a história com as velhas formas de evolução, da continuidade viva, do desenvolvimento orgânico, do progresso da consciência ou do projeto da existência. Se alguém falasse em termos de espaço, é porque era contra o tempo. É porque 'negava a história', como diziam os tolos, é porque era um tecnocrata. Eles não compreendem que, na demarcação das implantações, das delimitações, dos recortes de objetos, das classificações, das organizações de domínios, o que se fazia aflorar eram processos – históricos certamente – de poder. A descrição espacializante dos fatos discursivos desemboca na análise dos efeitos do poder que lhe estão ligados (FOUCAULT, 2014b, p. 253).

Um leitor minimamente habituado à literatura marxista, com seu inescapável fundo hegeliano, não encontra dificuldade em entender a quem é endereçada a crítica de Foucault. Há nesta passagem um aceno crítico ao existencialismo, não resta dúvida – recorde-se que Sartre já havia classificado “As palavras e as coisas”, obra de Foucault de grande sucesso, como “um livro de direita”, em razão de seu “ajustamento de contas com Marx” (REHMANN, 2019, p. 109) –, mas no centro da discussão está sobretudo uma crítica ao hegelianismo e ao marxismo, este um claro herdeiro das “formas de evolução”, do “desenvolvimento orgânico” e do “progresso da consciência”, assentes no grande expoente da filosofia clássica alemã.

É uma concepção que já está presente na pesquisa em torno da “Arqueologia do saber”, não necessariamente um momento isolado, limitado a uma primeira fase dos estudos foucaultianos, como supõe Harvey (1989, p. 50). De fato, ela irá se projetar como continuidade, senão terminológica, mas teórica, sobre o restante da obra de Foucault, vale dizer, é uma concepção que diz respeito não só à fase arqueológica, mas também aquela genealógica (REHMANN, 2009, p. 127-128) – aliás, já iniciada à época da entrevista para a *Hérodote*.

De fato, é na fase arqueológica que se encontra já a oposição entre história global e história geral, a primeira sendo aquela que “cinge todos os fenômenos em torno de um centro único – princípio, significado, espírito, visão de mundo, forma de conjunto”, enquanto a história geral apenas “desdobraria, ao contrário, o espaço de uma dispersão” (FOUCAULT, 2016, p. 12). É assim que se pode

estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem: é preciso tratá-lo no jogo de sua instância (FOUCAULT, 2016, p. 31).

Como se vê, o tempo, para Foucault, marcado pela “pontualidade”, pela “dispersão temporal”, não diz respeito à evolução, mas a “processos de poder” que nada têm a ver com a dialética histórica, motor de todo desenvolvimento em acepção hegeliana. Nada tem a ver com

a “concepção da história como progresso incessante”, que “é a herança mais alta do hegelianismo” (LOSURDO, 2014, p. 105), esta filosofia que se mostrou capaz de estabelecer as diferenças decisivas entre natureza e história, para assim demarcar o campo concreto das lutas de libertação. Vejamos a este respeito ainda uma vez Losurdo:

De fato, Heine observa como se apresenta oposta às ações liberais aquela filosofia que vê no processo histórico ‘somente um desconsolado ciclo’ e que por isso afirma: ‘Não há nada novo debaixo do sol’. Aqueles que aceitam tal concepção ‘abanam a cabeça para nossas lutas de libertação’ e ‘sorriem sobre as aspirações de um entusiasmo político que quer melhorar e tornar mais feliz o mundo’. Mas Hegel rejeita explicitamente assemelhar o processo histórico ao processo natural. De fato, as modificações na natureza, embora infinitamente múltiplas, mostram apenas um ciclo que se repete sempre. Na natureza não acontece nada de novo debaixo do sol e, portanto, o jogo multiforme das suas figuras leva consigo um certo tédio; só nas modificações que ocorrem no terreno espiritual se produz algo novo’. Por isso no homem, ao contrário de nas realidades naturais, há ‘uma verdadeira capacidade de modificação, e de modificação para melhor – um impulso da perfectibilidade’ e, portanto, a história é ‘processo no melhoramento e aperfeiçoamento’ (LOSURDO, 2014, p. 103-104).

Eis como se pode agora compreender a enorme diferença entre a noção de conflito que emerge do panóptico de Foucault e aquela da corrente hegeliana assentada na dialética histórica, com Antonio Gramsci e o conceito de hegemonia à frente, segundo demonstrou recentemente Alessandrini (2016). E, com efeito, não é difícil de entender, a partir deste ponto, que também o espaço para Foucault, já sem qualquer conexão com a progressividade da história, encerre formas tão-somente “nomadizantes”, ou “especializações nebulosas”, como na expressão da revista *Hérodote*.

Voltemos a Jan Rehmman, buscando encontrar o sentido mais preciso destas delimitações “nebulosas”. Para o crítico alemão de Foucault, este amarrou ao seu conceito de “saber” baseado em regras, um conceito de “poder” ainda mais essencial, sem desenvolver a partir das relações sociais concretas – como por exemplo se encontra na versão mais avançada da teoria da ideologia de Althusser, insiste Rehmman – o complexo das relações poder-saber... e assim, como em Nietzsche, a sua noção de poder funciona como uma máquina de remoção em todo o âmbito (toda esfera) da concreção das práticas sociais (REHMANN, 2009, p. 128). Por outras palavras, “um funcionalismo no qual os processos históricos da luta social são, na sua totalidade, eclipsados... por atrás de um processo sistemático de contínuo aperfeiçoamento das técnicas de poder” (REHMANN, 2009, p. 113, citando HONNETH, 1985, p. 195-246)³.

³ HONNETH, A. **Kritik der Macht**. Reflexionsstufen einer kritischen Gesellschaftstheorie. Frankfurt: Suhrkamp, 1985.

O efeito desta remoção aparece com clareza se se observa mais de perto as componentes disto que é excluído da "verdade". O ponto de partida de Foucault, destaca Rehmman, é aquele da constelação pré-filosófica na qual a verdade e o exercício do poder coincidem imediatamente, reproduzindo assim o idílio nietzscheano de um poder/domínio originário ainda não sublimado na antiguidade pré-clássica. Esta retorna na construção de uma Grécia originária dórico-arsitocrática, uma Grécia que a rigor faz parte da tradição romântico-reacionária do filohelenismo alemão, que se funde com o mito ariano e se dirige, sobretudo, contra os interesses liberais e humanistas da antiguidade clássica (REHMANN, 2009, p. 128).

Recordemos por um momento o que era essa Grécia humanista. Como estabeleceu Werner Jaeger no já clássico *Paidéia: a formação do homem grego*:

A sua descoberta do Homem não é a do *eu* subjetivo, mas a consciência gradual das leis gerais que determinam a essência humana. O princípio espiritual desta Grécia clássica não é o individualismo, mas o 'humanismo', para usar a palavra em seu sentido clássico e originário. Humanismo vem de *humanitas*. Pelo menos desde o tempo de Varrão e de Cícero, esta palavra teve, ao lado da acepção vulgar e primitiva de humanitário, que não nos interessa aqui, um segundo sentido mais nobre e rigoroso. Significou a educação do Homem de acordo com a verdadeira forma humana, com seu autêntico ser. Tal é a genuína *paidéia* grega, considerada modelo por um homem de Estado romano. Não brota do individual, mas da ideia. Acima do Homem como ser gregário ou como suposto *eu* autônomo, ergue-se o Homem como ideia. A ela aspiram os educadores gregos, bem como os poetas, artistas e filósofos. Ora, o Homem, considerado na sua ideia, significa a imagem do Homem genérico na sua validade universal e normativa (JAEGER, 2003, p. 14-15).

Não se trata certamente de uma ideia abstrata de homem. De fato, estamos diante de uma perspectiva a lembrar a crítica feita por Milton Santos da separação entre "história" e "lógica (ou estrutura)", uma crítica que remete à centralidade da geografia no processo histórico e assim à compreensão do espaço não só como "suporte", mas também "sujeito de um processo" (SANTOS, 2008, p. 188-189). Nas palavras de Jaeger:

Esse ideal de Homem, segundo o qual se devia formar o indivíduo, não é um esquema vazio, independente do espaço e do tempo. É uma forma viva que se desenvolve no solo de um povo e persiste através das mudanças históricas (JAEGER, 2003, p. 15).

Compreende-se, pois, que este "Homem genérico na sua validade universal" tenha permanecido na tradição do marxismo que se reconhece continuidade – certamente dialética – do humanismo clássico. É o que facilmente se depreende da formulação em torno da "unificação cultural do gênero humano" (GRAMSCI, 1975, p. 1416). Unificação cultural deve-se insistir, que Foucault termina por alvejar ao ignorar os "valores das ideologias universalistas", necessariamente ligadas às "aspirações das classes subalternas" (REHMANN, 2009, p. 145).

E, com efeito, não surpreende que o Nietzsche que se encontra na base dos fundamentos teóricos de Foucault, seja também aquele que, já caracterizado como "o maior pensador entre os reacionários e o maior reacionário entre os pensadores", seja ainda aquele que, por oposição a Marx, rejeita qualquer grau de transcendência para formas sociais como a "moral", a "religião", a "ciência", o "'silogismo' socrático" e até a "arte", a "'sociologia atual'" e a "'música atual'" (LOSURDO, 2016, p. 81-83). E isso justamente porque "se lança contra o universalismo dos valores da esfera da ideologia", por ele indesejada na medida em que "comporta uma formação de compromisso em cujas instâncias estão representadas também as classes inferiores, que a tal compromisso podem por isso reclamar-se" (REHMANN, 2009, p. 129).

Assim como não surpreende também que hoje, a recepção de Foucault em um país como a Alemanha, se faça, quando nos casos mais favoráveis, sob a forma da despolitização, enquanto nos mais desfavoráveis ocorra por meio de uma reabilitação das posições de direita (ALESSANDRONI, 2016). De fato, mesmo Foucault, recorda Losurdo em seu recente estudo sobre o marxismo ocidental, terminou por se associar a Hayek na condenação do socialismo enquanto tal e mesmo do *Welfare State*, bem como na identificação entre Alemanha hitlerista e URSS staliniana como totalitárias, configurando, nas palavras do grande filósofo italiano, um claro alinhamento à ideologia dominante ("*Foucault risulta largamente appiattito sull'ideologia dominante*") (LOSURDO, 2017, p. 137).

E por isso a grande distância aqui revelada diante da corrente hegeliana que visava os saltos qualitativos, e entre as quais está mesmo uma Geografia aberta a investigar as relações espaço-tempo implicadas na dialética histórica, como a que se encontra em Milton Santos (2008). De fato, estamos já aqui diante de uma Geografia que não se permitiu ignorar "a realidade da divisão econômica e social do trabalho em plena fase da grande indústria e do imperialismo", bem como do colonialismo (SANTOS, 2008, p. 55), estas últimas categorias radicalmente removidas da análise foucaultiana, e onde seu alinhamento à ideologia dominante é ainda mais claro (LOSURDO, 2017).

Certamente, se partirmos do que observou Daniel Zamora (2016), o pesquisador que tem levantado materiais acerca da influência que sofreu o último Foucault dos pensadores neoliberais, falar de alinhamento à ideologia dominante não significa, apesar de tudo – isto é, apesar das inevitáveis contradições a que suas influências o conduziram –, concluir tratar-se Foucault simplesmente de um pensador de direita, ou reacionário. Como insiste Zamora, mais do que entregar-se à "falsa questão" de saber se "Foucault tornou-se ou não um neoliberal", ela mesma capaz de esterilizar o debate, limitando-o a "considerações absolutamente mesquinhas",

trata-se, antes, de aproximar-se dele para “exercer a crítica e aprimorar a compreensão das suas amplas influências e as questões que ele abriu no meio intelectual” (ZAMORA, 2016, p. 5).

Com efeito, a virada cultural do pós-modernismo, da qual Foucault, como antes dissemos, é sem dúvida “uma fonte fecunda de argumentação” (HARVEY, 1989, p. 50), talvez seja melhor interpretada, como o disseram Rehmann (2009, p. 110) e Azzarà (2015, p. 10), através do conceito gramsciano de revolução passiva – que no grande pensador italiano é rigorosamente “critério interpretativo”, jamais programa –, sinônimo não exatamente de contra-revolução, mas de reforma – e aqui certamente seus limites e contradições – e com ela de transformismo intelectual (GRAMSCI, 1975, p. 1767-1678). E assim também, cabe acrescentar, deve-se ler toda a Geografia que, nos últimos tempos, abrindo-se ao estudo das espacialidades “nomadizantes” – pensemos nos “nanoterritórios” associados a “parcelas das arquibancadas de um estádio de futebol”, como propõe Souza (2015, p. 105) –, tem partido deste referencial teórico e do movimento cultural que ele anima.

Daí porque, embora seja urgente a crítica a este campo, trata-se exatamente de exercer uma crítica que seja determinada, ou seja, rigorosamente dialética posto que apegada à categoria de *Aufhebung*, como no início dissemos. Vale nos fixarmos por um momento sobre ela, buscando apreender o seu rigoroso sentido filológico. No *Dizionario di tedesco per filosofi* (Pequeno dicionário de alemão para filósofos), organizado em língua italiana por Renato Pettoello e Nadia Moro, o verbete *Aufhebung* (substantivo) grafa “*superamento*” e “*toglimento*”, respectivamente traduzíveis para o português como “*superação*” e “*extinção*” (ou ainda “*eliminação*”). Mas na apresentação do registro *aufheben* (verbo) os autores logo acrescentam: em língua alemã “*Togliere*’ tem um duplo sentido, que significa tanto conservar, manter, quanto ao mesmo tempo fazer cessar, pôr fim.” Ou, na citação do próprio Hegel feita pelos autores, “o manter mesmo recolhe em si o já negativo”, perdendo “apenas a sua imediatez, mas não por isso sendo aniquilado” (PETTOELLO; MORO, 2014, p. 38-39).

De fato, não foi outro senão o procedimento de Domenico Losurdo, que apesar das duras críticas a diferentes expoentes da cultura intelectual que aqui oferecemos sob análise, não deixou de assinalar – e contra os procedimentos deste próprio campo intelectual, incapaz de pensar a história na sua unidade – a necessidade de reconhecimento mútuo entre o chamado “marxismo oriental” – protagonizado por “nações que sacodem a opressão, a humilhação e a desumanização inerente ao domínio colonial” – e o “marxismo ocidental” – onde os protagonistas são a “classe operária e as massas populares que rejeitam ser matéria-prima a disposição das elites” – (LOSURDO, 2017, p. 33), este último claramente atraído pela cultura

pós-moderna. Trata-se, insiste ainda Losurdo, de duas diferentes formas de “enquadramento do mesmo sistema social”, o qual cabe pôr em discussão se se deseja realmente percorrer os caminhos de uma ciência crítica.

E não seria esta, afinal, a posição de Milton Santos, ao rejeitar ler a nossa época como aquela em que “tudo se fragmenta”, segundo a “definição dada por muitos pós-modernistas” – presos a ideia de que o “mundo está desconstruído, que acabou o grande relato, que por isso não há mais teoria, não há mais ideologia” –, para a partir daí insistir na ideia de que “o mundo de hoje” deve ser apreendido como “totalidade” e, ainda mais, uma totalidade em que são já “múltiplos os povos” capazes de emitir “vetores hegemônicos”? (SANTOS, 2007, p. 82-83).

Referências

ALESSANDRONI, E. Il crepuscolo della dialettica. Foucault *contra* Gramsci.
In: **Gramsciana**, nº 3, 2016, p. 171-184.

_____. O crepúsculo da dialética. Foucault contra Gramsci. Tradução de Marcos Aurélio da Silva. In: **Novos Rumos**, nº 2, vol. 55, 2018, p. 1-11.

AZZARÀ, S. G. Restaurazione e rivoluzione passive postmoderna nel ciclo neoliberale: un trasformismo intellectual di massa. In: **Historical Materialism Rome Conference 2015**. Roma, 17-19 settembre 2015.

FOUCAULT, M. Sobre a Geografia. In: **Microfísica do poder**. 28 ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de setembro de 1970. 24 ed. Tradução de Laura F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **A arqueologia do saber**. 8 ed. Tradução de Luiz F. Beata Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

GRAMSCI, A. **Quaderni del Carcere**. Edizione crítica dell'Istituto Gramsci a cura de Valentino Gerratana. Torino: Einaudi, 1975.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 24 ed. São Paulo: Loyola, 2013.

JAEGER, W. **Paidéia**: a formação do homem grego. 4 ed. Tradução de Artur M. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOSURDO, D. **A hipocondria da antipolítica**: história e atualidade na análise de Hegel. Tradução de Jaime Clasen, revisão de Giulio Gerosa. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

_____. **Nietzsche e a crítica da Modernidade**. Tradução de Alessandra Siedschlag. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

_____. **Il marxismo occidentale**. Come nacque, come morì, come può rinascere. Roma: Laterza, 2017.

PETTOELLO, R. e MORO, N. **Dizionarietto di tedesco per filosofi**. Brescia: Editrice La Scuola, 2014.

REHMANN, J. **I nietzscheniani di sinistra**. Deleuze, Foucault e il postmodernismo: una decostruzione. Tradução de Stefano G. Azzarà. Roma: Odradek, 2009.

SANTOS, M. Espaço, mundo globalizado, pós-modernidade In: **Milton Santos – Encontros**. Maria A. P. Leite (Org.). Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

_____. **Por uma Geografia Nova**: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Hucitec, 2008.

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

ZAMORA, D. Foucault, the Left, and the 1980s. In: **Foucault and Neoliberalism**.

ZAMORA, D. e BEHRENT M. C. (orgs.). Cambridge (UK)/Malden (USA): Polity Press, 2016.